



Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

11 de março de 2022

Manifesto do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

Somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição

Os Estados Unidos e potências europeias evitaram que a OTAN interviesse diretamente na guerra da Ucrânia. O motivo esteve e está em que a conflagração se estenderia para a Europa. Os Estados Unidos estão distantes, e, em princípio, poderiam ganhar muito com uma guerra no velho continente. Mas, para a burguesia europeia, seria desastroso ter de se bater contra a Rússia.

O acordo de golpear financeira e economicamente os russos foi obtido à base de muita pressão de Biden, uma vez que os europeus também serão imediatamente afetados. A economia mundial mal se convalesce do período da pandemia, e se ressentirá amplamente com o pacote de sanções montado pelos Estados Unidos. As últimas decisões do imperialismo norte-americano, de romper os contratos comerciais de compra do petróleo e da Inglaterra de diminuir sua dependência do gás da Rússia, potenciam a guerra comercial e desequilibram amplamente os preços das commodities. Putin, em contrapartida, anunciou que poderá nacionalizar as multinacionais, que acatarem a diretriz das sanções e encerrarem seus negócios em território russo.

Os Estados Unidos e aliados contam com o isolamento de Putin para dificultar a vitória militar na Ucrânia. Na melhor das hipóteses, evitar que a Ucrânia seja completamente tragada pela Rússia. A guerra se tornou inevitável no momento em que os Estados Unidos e seu braço armado na Europa, a OTAN, se negaram terminantemente a aceitar o pleito da Rússia de uma Ucrânia neutra. O imperialismo tinha pleno conhecimento de que Putin e as Forças Armadas não poderiam retirar-se da fronteira com a Ucrânia de mãos vazias. O governo Zelenski não estava em condições de tomar uma decisão própria, como não poderia acertar um acordo de paz, sem que fosse orientado pelos Estados Unidos. Na condição de peão dos Estados Unidos e da União Europeia, decidiu expor a Ucrânia à ocupação russa, sabendo perfeitamente que seus amos não iriam enviar tropas para defendê-la.

Biden, nos momentos mais decisivos, alertava o mundo de que Putin não cumpriria a sua palavra, como se sua rede de espionagem fosse eficaz nas informações, quando, na realidade, a Casa Branca e o Pentágono sabiam que a inflexibilidade do governo russo se devia ao não atendimento do pleito de um acordo de uma Ucrânia neutra. Os Estados Unidos, portanto,

empurraram o governo Zelenski a não aceitar a condição exigida pela Rússia, e empurraram Putin a decidir, finalmente, pela invasão da Ucrânia.

O resultado de mais de duas semanas de guerra evidenciou que o povo ucraniano tem servido de bucha de canhão para o imperialismo. E que a Ucrânia vem sendo utilizada como instrumento pela oligarquia burguesa russa, para recuperar o poder regional da Rússia sobre as ex-repúblicas soviéticas, evidentemente acossada pelo cerco militar da OTAN. A guerra já arruinou parte do país; provocou uma onda de refugiados; e alastrou o sofrimento da população submetida ao fogo cruzado. Não se tem ainda o número preciso de civis e militares mortos.

O imperialismo se vale das imagens trágicas para compa-recer como o santo que condena o carrasco. Age para impressionar a classe média e cegar a classe operária. Mas, o fato é que os Estados Unidos e aliados fizeram do povo ucraniano bucha de canhão para sua estratégia de apertar o cerco da OTAN e dos Estados Unidos à Rússia. A responsabilidade da Rússia não está no fato de procurar se defender da ofensiva da OTAN, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo.

O fracasso da negociação, do dia 10 de março, na Turquia, indica que Zelenski continua sendo orientado a não aceitar as condições de Putin: neutralidade da Ucrânia e reconhecimento das repúblicas separatistas. Sem dúvida, é uma imposição de guerra a uma nação oprimida. O que independe do fato de seu governo ser xenófobo e pró-União Europeia-OTAN.

Somente o povo ucraniano, constituído pela maioria oprimida, pode decidir o destino de seu governo e de seu país. Está comprovado historicamente pela revolução proletária na Rússia, que a conquista do direito de separação e de autodeterminação somente é possível sob a ditadura do proletariado. Sem esse fundamento, não há autodeterminação da nação. A desorganização do proletariado ucraniano e a dominação oligárquica foram decisivas para que o levante de 2014 depusesse o governo pró-Rússia e constituísse um governo pró-União Europeia-OTAN. Também foi decisiva a desorganização do proletariado russo no campo da independência de classe, para reagir à anexação da Crimeia e ao incentivo do separatismo

em Donbass. E graças à incapacidade de reação do proletariado com seu programa e política próprios é que o povo ucraniano e o povo russo não se uniram contra o cerco imperialista da OTAN à Rússia, bem como contra o governo e a oligarquia restauracionistas russos de intervirem sobre as ex-repúblicas soviéticas, sem que fosse por vontade de seu povo.

A Ucrânia não pode libertar-se da opressão nacional da Rússia, submetendo-se aos maiores opressores do mundo, que são os Estados Unidos e as potências europeias. E a Rússia não tem como se defender do cerco imperialista norte-americano do pós-guerra e do fim da URSS, submetendo as ex-repúblicas soviéticas. Essa é uma contradição particular que se potenciou com a degeneração e a derrocada final da URSS em 1991. A guerra sangrenta da oligarquia russa contra a independência da Chechênia (1994-1996 e 1999-2009) estabeleceu um novo marco da opressão russa às nacionalidades, que haviam se libertado dos grillhões do império russo, galgado o caminho da revolução de Outubro e, livremente, decidido por constituir a URSS, em 1922, sob a direção do partido bolchevique e de Lênin. Somente sobre essa base histórica, é possível combater o nacionalismo burguês e pequeno-burguês - via de regra xenófobo -, que divide as massas.

A constituição da URSS se deu alicerçada no programa e nos fundamentos do internacionalismo marxista, que se opõem a todo tipo de nacionalismo. O reaparecimento e fortalecimento do nacionalismo no seio das ex-repúblicas soviéticas, o que inclui a Rússia, foi e é expressão do processo de restauração capitalista e de interrupção da transição do capitalismo ao socialismo. Essa profunda regressão histórica explica por que o proletariado russo, ucraniano e mundial se mantêm à margem de um dos mais importantes acontecimentos do pós-guerra. A propósito da guerra na Ucrânia, a Alemanha, derrotada nas duas grandes guerras, anunciou seu objetivo de aumentar o orçamento destinado ao seu rearmamento. Essa é a tendência que vem se potenciando há tempos, acompanhando o avanço da guerra comercial.

A explosão do conflito ucraniano antecipou a possibilidade de um confronto entre os Estados Unidos e a China. Há algum tempo, a política imperialista de “coexistência pacífica”, de “desarmamento”, “de multilateralismo”, de promoção da “democracia” e dos “direitos humanos” tem cedido lugar à escalada militar. A enorme dificuldade da economia mundial alcançar um crescimento compatível com as necessidades do capital financeiro e dos monopólios industriais forçam os Estados Unidos, cuja hegemonia do pós-guerra se encontra em declínio, a se chocarem com a China e a Rússia, cujas particularidades advêm das revoluções proletárias, e de seu oposto, do processo de restauração capitalista.

A partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial está esgotada. A liquidação da URSS correspondeu ao principal objetivo dos Estados Unidos e aliados. A burguesia imperialista esperava que a Rússia também se desmoronasse e abrisse seu rico território de matérias-primas às multinacionais, bem como se sujeitasse às diretrizes norte-americanas diante da desintegração do capitalismo mundial. Esperava também que a China não apenas abrisse suas fronteiras para o grande capital, como também passasse o comando do Estado para setores burgueses, vinculados aos interesses das potências. Como a Rússia e a

China mantiveram um alto grau de independência, passaram a ser um obstáculo à política dos Estados Unidos. Em especial, o fato da China se tornar uma potência mundial rivaliza com os Estados Unidos e colide com a sua hegemonia econômica.

O choque entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais, que esteve na base das duas grandes guerras, se recom pôs em uma escala superior. A guerra na Ucrânia e o perigo de se europeizar, portanto, internacionalizar, dão a dimensão catastrófica da incompatibilidade entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como com as fronteiras nacionais. Está posta a necessidade de o proletariado, objetivamente, recuperar seu lugar como classe revolucionária. O problema se encontra no fato de seus partidos comunistas terem se degenerado pelo estalinismo e de o proletariado não ter podido ainda reconstituir sua vanguarda marxista-leninista-trotskista. O programa da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social e a estratégia histórica da ditadura do proletariado continuam vigentes diante do capitalismo imperialista, que se caracteriza pelas guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A guerra na Ucrânia evidencia a necessidade da unidade da classe operária mundial para quebrar a espinha dorsal dos Estados Unidos na Europa e combater as tendências reacionárias do nacionalismo russo e as suas ações contrárias à autodeterminação das ex-repúblicas soviéticas. A guerra que se trava na Ucrânia não é uma guerra de libertação, mas de dominação.

O proletariado russo e a sua vanguarda com consciência de classe estão diante da tarefa de reconhecer a hecatombe que significou a destruição da URSS e a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, transição que se iniciou com a revolução proletária de Outubro de 1917. Seja qual for o resultado favorável à Rússia na guerra da Ucrânia, não tem como deter por muito tempo o avanço dos Estados Unidos e da OTAN. O mais provável é que as ex-repúblicas continuem a gestar o nacionalismo e a caminhar para os braços das potências europeias. Somente o proletariado com seus partidos revolucionários e com o internacionalismo marxista tem como combater o curso da barbárie capitalista e recuperar o terreno perdido para o imperialismo com a destruição da URSS.

O poderio militar da Rússia é respeitável, mas se assenta em uma economia exportadora de commodities e de recursos industriais-financeiros limitados, se comparados com as potências imperialistas, e com a própria China. É nesse marco que se coloca a necessidade do proletariado dar passos no sentido da superação da crise de direção, construindo os partidos marxista-leninista-trotskistas e reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional desenvolve sua campanha, guiando-se pelas bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Abaixo a burocracia e a oligarquia burguesa russa e ucraniana do poder! Pela ditadura do proletariado e restabelecimento da democracia soviética! Operários e demais trabalhadores, lutemos unidos sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.